

Representações de Mulheres em Materialidades Linguístico-Visuais de Livros Didáticos de Português do Ensino Médio

Érica Rogéria da SILVA*
Guilherme FIGUEIRA-BORGES**

* Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT). Professora da rede estadual de educação e Psicóloga Clínica. Contato: erica.rs2@hotmail.com

** Doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU). Docente da Universidade Estadual de Goiás, credenciado no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG) e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT). Contato: guilherme.borges@ueg.br

Resumo:

Este artigo objetiva analisar representações sociais de mulheres presentes em Livros Didáticos de Português (LDP), distribuídos no Ensino Médio de escolas estaduais, selecionados com base no *Guia do Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) 2018. Para tanto, inscrevemo-nos no campo da Análise do Discurso, especificamente, nos postulados de Foucault (2009, 2011, 2013, 2014, 2016), em diálogo com a noção de “identidade de gênero”, de Louro (1997, 2008). O *corpus* de análise é formado por textos linguístico-visuais coletados das três coleções de manuais do Ensino Médio mais escolhidas pelas escolas do Estado de Minas Gerais. A partir das análises, constatamos que o *corpus* apresenta textos linguístico-visuais que permitem levantar possíveis questionamentos sobre representações de gênero normalizadas para a mulher. No entanto, foram majoritárias as cenas em que se reproduzem papéis já naturalizados e fundamentados no modelo tradicional de relações de gênero assimétricas. Portanto, neste artigo, apresentamos interpretações outras de materialidades linguístico-visuais de LDPs, delineando possíveis práticas de enfrentamento ao machismo no ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Palavras-chave:

Livro Didático de Português; Discurso; Identidade de Gênero.

Representações de Mulheres em Materialidades Linguístico-Visuais de Livros Didáticos de Português do Ensino Médio

Érica Rogéria da Silva; Guilherme Figueira-Borges

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, traçamos como objetivo geral analisar representações sociais de mulheres em Livros Didáticos de Português (doravante, LDP). Para tanto, inscrevemo-nos no campo da Análise do Discurso, especificamente nos postulados de Foucault (2009, 2011, 2013, 2014, 2016) em diálogo com a noção de “identidade de gênero”, de Louro (1997, 2008). O *corpus* de análise é formado por materialidades linguístico-visuais de três coleções de LDPs do Ensino Médio mais escolhidas pelas escolas públicas do Estado de Minas Gerais, segundo dados da Secretaria Estadual de Educação, disponibilizados via *e-mail* particular. Foi-nos disponibilizado uma tabela com todos os livros escolhidos e as respectivas escolas, cabendo-nos contabilizar quais as três coleções mais escolhidas. São elas: “*Português contemporâneo: diálogo reflexão e uso*”, de William Cereja, Carolina Vianna e Christiane Damien (2016); *Novas palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira; Ricardo Leite e Severino Antônio (2016); e *Português: trilhas e tramas*, de Graça Sette, Márcia Travalha, Ivone Ribeiro e Rozário Starling (2016).

Consideramos relevante dizer *a priori* que as identidades de gêneros são construídas a partir de processos históricos e estão, diretamente, relacionadas à dinâmica social (LOURO, 1997). Assim, a compreensão do que é masculino ou feminino, em contextos sócio-históricos, ancora-se na maneira como essas características são representadas, como são valorizadas e, também, o que se diz e o que se pensa sobre elas. Nesse sentido, “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (MOITA LOPES, 1997, p. 20). Nesse sentido, a noção de “gênero” diz respeito às maneiras como os aspectos sexuais são compreendidos e representados em determinado cenário histórico e social (LOURO, 1997). Ademais, consideramos que o “gênero” se constitui como um dos traços que compõem a identidade dos sujeitos, sendo moldada e negociada nas relações sociais nas quais eles se inscrevem. Os sujeitos estão imersos em práticas discursivas fundamentadas por determinadas ideologias e valores socioculturais relevantes para constituir e perpetuar diferentes representações do que é ser mulher. Assim, pensar a identidade de gênero, em LDP, implica pensar sobre construções discursivas que dizem respeito a jogos de poder que valorizam/legitimam representações específicas de feminilidade em detrimento a outras, garantindo-lhe um caráter político.

Lançar o olhar para questões de identidade de gênero no LDP se justifica pelo fato de as crianças, por exemplo, desde os primeiros meses de vida, serem ensinadas a ter comportamentos considerados de meninos ou de meninas, contribuindo, assim, para uma separação de gêneros (MOITA LOPES, 2002). Ao longo da vida, as práticas sociais recorrentes perpetuam essa separação, fazendo os comportamentos serem vistos não como algo construído pelos sujeitos, mas natural. Quando refletimos sobre os efeitos dessas distinções, realizadas no âmbito de sociedades e regidas por um modelo patriarcal, observa-se que elas tendem a valorizar mais o gênero masculino do que o feminino e, menos ainda, as sexualidades

desviantes¹ impondo modelos hegemônicos e tidos como normais. Nesse sentido, no que “tange à identidade, podemos pensar o LDP como um feixe de representações que despertam percepções outras nos sujeitos dando a eles um lugar de pertencimento” (SOUSA; SANTOS; OLIVEIRA; FIGUEIRA-BORGES, 2021, p. 125). O que nos conduz a pensar que verdades naturalizadas em práticas sociais são representadas nas mais diversas atividades trabalhadas em sala de aula, devendo ser, por isso, alvo de discussão/problematização/enfrentamento por parte dos professores.

Com esse estudo, destacamos que “apesar de o Livro Didático de Português, em geral, tentar escamotear questões de identidade de gênero e de sexualidade, a singularidade dos alunos gritam/pulsam por essas questões” (FIGUEIRA-BORGES; SANTOS, 2017, p. 186). Isto porque os alunos são “intimados a (re)pensar a materialidade de seus corpos por novelas, *games*, séries televisivas, propagandas, etc.” (FIGUEIRA-BORGES; SANTOS, 2017, p. 186). Nesse sentido, precisamos pensar um ensino-aprendizagem de língua portuguesa que problematize padrões corporais para o homem e a mulher na sociedade brasileira. Ao destacar questões de identidade de gênero em materialidades linguístico-visuais de LDPs, delineamos/apresentamos/reforçamos que os professores têm a sua disposição relevantes aportes textuais para provocar um imbricamento entre o ensino-aprendizagem do funcionamento da língua e problematizações a identidades de gênero cristalizadas historicamente.

Nesse artigo, traçamos um percurso teórico-analítico que primeiro consiste em problematizar as questões de gênero, delineando a sua relevância em contextos de ensino. Em seguida, pensamos exercícios de poder do homem e práticas de resistência a padrões de gênero de mulheres em situações ordinárias no espaço doméstico.

LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNERO

No âmbito escolar, Moita Lopes (2002) defende haver, na sociedade brasileira, uma tendência a tratar os alunos em sala de aula, nos livros didáticos e nas produções científicas de modo homogeneizado, idealizado e monolítico. Isto é, há o destaque do homem/mulher, branco/branca, heterossexual, de classe média, silenciando identidades não correspondentes a esse padrão. No LDP, em específico, pode-se dizer como exemplo que o “caráter homogeneizante pode ser entendido como uma técnica que visa controlar os corpos, delimitando, por exemplo, espaços para o corpo negro da empregada como o da cozinha e o da sala para o corpo branco da patroa” (MENDES; FIGUEIRA-BORGES, 2017, p. 121). Como veremos nas análises, não é permitido qualquer espaço para a mulher nas materialidades linguístico-visuais do LDP, pelo contrário, a sua emergência está em uma complexa rede de saberes/poderes que determinam o que ela pode e deve fazer (FOUCAULT, 2016)

Em uma perspectiva semelhante, Louro (2008) reforça ser o gênero uma construção que ocorre ao longo da vida, de maneira contínua, por meio de diversas aprendizagens e práticas, “insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais” (LOURO, 2008, p. 18). Esse processo constitutivo é realizado por instâncias e espaços sociais, como a família, sistemas religiosos, escolas, instituições médicas, que, por muito tempo, suas orientações e ensinamentos se mostraram como verdades absolutas.

Pensamos a identidade, um conceito plural, enquanto uma construção sócio-histórica que demarca padrões de gênero, de raça, de raça e de sexualidade. Falar em identidade de gênero, a partir do LDP, é pensar práticas delimitadas historicamente para os corpos femininos e masculinos que se

¹ Por sexualidades desviantes entendemos as constituições de sujeito LGBTQIA+, isto é, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersexo, agêneros, assexuais e o símbolo “mais” indica a possibilidade de inclusão de outras identidades.

fazem presentes em charges, tirinhas, contos, crônicas, dentre outros. Nesse sentido, delimitamos que questões de gênero, de raça e de sexualidade são elementos constituintes e constitutivos do discurso e, por conseguinte, emergem no funcionamento da língua. Podemos dizer, assim, que por mais que o livro passe ao largo de uma problematização do papel da mulher na sociedade, as materialidades de seus textos exalam padrões de gênero que não podem/devem ser negligenciados pelos professores.

Grigoletto (1999, p. 67) defende que “uma das formas de disseminação do poder decorrente da produção, circulação e funcionamento dos discursos na esfera escolar está no LD que funciona como um dos discursos de verdade”. Fundamentada em Foucault (2016), a autora explica ser a produção e a circulação de um discurso indispensáveis para o estabelecimento, o funcionamento e a disseminação das múltiplas relações de poder que atravessam, caracterizam e constituem as sociedades. Essa relação se faz necessária, pois uma das consequências da circulação do discurso é a produção de efeitos de verdade, aspecto fundamental para os jogos de poder. Assim, não há possibilidade de exercício do poder sem o estabelecimento de uma ordem discursiva. Para Grigoletto (1999), um discurso de verdade é aquele que, ilusoriamente, impõe-se como um lugar de completude dos sentidos. É ilusório, pois, de acordo com a Análise do Discurso, nenhum dizer é capaz de completar todos os sentidos de um discurso, isto é, não é possível chegar a um sentido único e verdadeiro para um texto, pois os sentidos são sempre constituídos na relação entre o linguístico e o histórico. Em outro estudo, destacamos que, nas práticas de leitura, portanto, “os sujeitos fazem emergir (efeitos de) sentidos, por meio de gestos interpretativos, que são sócio-histórico-ideológicos, haja vista que leitura está imbricada à sociedade, ao momento histórico e às formações ideológicas nas quais os sujeitos estão inscritos” (LUTERMAN, FIGUEIRA-BORGES; SOUZA, 2018, p. 44)

Nesse sentido, consideramos relevante destacar alguns questionamentos: qual a representatividade da mulher no *corpus* de análise? Quais relações de poder são legitimadas, perpetuadas ou construídas no material escolar? Sem a pretensão exaurir essas questões, pretendemos, antes, tomá-las como pontos norteadores que permitem lançar o olhar para como são construídas identidades do gênero feminino em livros didáticos de português do Ensino Médio, de escolas estaduais do estado de Minas Gerais. O que se justifica pelo fato de que “o LDP é construído de acordo com o contexto social e com os aspectos ideológicos que perpassam a sociedade em que ele está inserido” (MENDES; FIGUEIRA-BORGES, 2017, p. 121).

Já podemos lançar o olhar para a primeira charge do LDP, a fim de pensar as questões de identidade de gênero (im)postas em sua materialidade. Vejamos a Imagem 01, presente na unidade intitulada *Eu e o mundo*, mais especificamente no capítulo *O romantismo no Brasil (I) - o adjetivo - o cartaz e o anúncio publicitário*, dentro da sessão *Língua e linguagem: o adjetivo*. O texto a ser analisado é usado para trabalhar adjetivos.

Imagem 01: *Lili, a Ex*



Fonte: CEREJA, W. R., VIANNA, C. A. D., CODENHOTO, C. D. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2016.

O texto acima é um exemplar das tirinhas intituladas *Lili, a Ex*, produzidas por Caco Galhardo, e demonstra uma conversa entre Lili e seu ex-marido. Na tira, são encontrados enunciados responsáveis pela manutenção de sentidos já consolidados na sociedade sobre a representação de mulheres e relações entre elas. A temática sobre relacionamento é ilustrada quando os personagens versam, já no primeiro quadrinho, sobre a realização de entrevistas com a finalidade de selecionar uma mulher para se relacionar com o personagem masculino. A partir dos enunciados presentes na charge, percebemos uma vinculação histórica em que no texto ecoam “padrões de beleza que vigoram na sociedade, a saber, i) que para ser aceita em determinado grupo a garota/mulher necessita atender a certos requisitos estéticos; ii) a forma como os homens lançam olhares acerca dos corpos femininos; iii) que contextos a mulher é objetificada” (SOUSA; SANTOS; OLIVEIRA; FIGUEIRA-BORGES, 2021, p. 132). Temos, portanto, um conjunto de mulheres concorrendo entre si na possibilidade de se relacionarem com um homem. A escolha da candidata que melhor atende à demanda é delegada a uma outra mulher. Especificamente, sobre esse aspecto, observemos o lugar ocupado pelas mulheres em questão e pelo homem. São elas, em quantidade significativa, que são sujeitadas a uma disputa entre si e à avaliação para alcançar um único objetivo. Por sua vez, o homem é o objeto de disputa dessas mulheres e quem delega a função de realizar a tarefa de escolher o perfil mais apropriado, no caso Lili é a responsável por esse trabalho. Desse modo, são delimitadas posições de poder bastante instituídas socialmente, a do homem enquanto sujeito que pode escolher e delegar ordens e o de ser objeto de disputa entre mulheres. A mulher, por sua vez, ocupa, em relação ao homem, posições secundárias no sentido de ter que disputar um homem, de estar disponível para ser escolhida por ele e a de cumprir uma ação a partir de sua demanda. Assim, a charge é um modelo de que, relações entre os gêneros manifestam, também, relações de poder, o que vai ao encontro do postulado de Foucault (2016) quando diz que o sujeito ao ser posto em relações de significação é também inserido em relações de poder bastante complexas.

Atentemo-nos, igualmente, ao tom de perplexidade e indignação manifestados por ele ao dizer que, dentre um conjunto de duzentas mulheres, nenhuma foi escolhida. Os gestos feitos com os braços e com a boca dão mais ímpeto ao questionamento diante da situação, pois, na primeira cena, o sujeito está com os braços meio abertos, uma posição socialmente usada para reforçar uma contestação. Já no segundo quadrinho, o personagem levanta totalmente os braços, abre mais a boca indicando aumentar o tom de voz e verbaliza que, além de terem sido entrevistadas uma grande quantidade de mulheres, havia mulheres com características físicas consideradas por ele bastante positivas. Além do mais, afirma o personagem, tinha uma diversidade de mulheres, “loiras”, “ruivas”, “morenas”, todas fisicamente consideradas de alto padrão de beleza, o que pode ser confirmado com os adjetivos “lindíssimas”, “estonteantes” e “esculturais”, na segunda cena. Esses enunciados legitimam o pensamento de que a avaliação das mulheres é feita em função da aparência física. Assim, o texto constrói a delimitação da mulher enquanto objeto de escolha, no sentido de não ser considerado nada além de sua aparência, como se estivesse disponível no mercado, e posta em um catálogo variado de opções, sendo necessário apenas escolher a que melhor condiz com a procura. Temos representado, nesse caso, a “forma como as relações entre os gêneros é marcada por uma desigualdade, que está sempre nos discursos e nas práticas diante da sociedade. A mulher está submetida às ordens e desejos do homem” (SOUSA; SANTOS; OLIVEIRA; FIGUEIRA-BORGES, 2021, p. 130).

Na relação entre os sujeitos, direciona-se para a entrevistadora a responsabilidade da aplicação de exigências de aparência física arbitrárias e severas em outras mulheres, reiterando a ideia bastante difundida de que são as mulheres as piores críticas de outras mulheres. A frase “não encontrou uminha para mim” junto à ênfase à quantidade de mulheres, à diversidade delas e às características físicas valoradas reforçam o sentido de que, para ele, havia um excesso de exigências inexplicável dos critérios

para a seleção. Esses dados conduzem a uma interpretação de que Lili não encontrou nenhuma mulher suficientemente qualificada para o ex-marido porque ela queria impossibilitar a relação dele com outra mulher. Assim, o modo de Lili lidar com a situação é o de dispensar todas as candidatas e justificar sua ação, desqualificando-as ao caracterizá-las como “lixo”. Em seu sentido literal, o termo designa algo totalmente sem valor ou utilidade e que deve ser descartado. Nesse sentido, a avaliadora também objetiva as mulheres, porém com uma carga ainda mais depreciativa, pois não se levou em conta ou valorou nenhuma de suas características, pois, ao transpor o termo “lixo” para qualificar humanos, mantém-se o sentido de algo a ser descartado e diz também de uma falta de qualidades morais e/ou físicas. Esse dado nos remete a Foucault (2011, p. 132) quando afirma que “o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. O que nos permite dizer que o “corpo é, notadamente, moldado, esquadrinhado, e adestrado para (re)produzirem determinadas práticas sócio-históricas, mantendo regularidades de uma supremacia masculina” (SOUSA; SANTOS; OLIVEIRA; FIGUEIRA-BORGES, 2021, p. 128).

Portanto, em relação à representação das mulheres, a tirinha incide em um processo de compreensão direcionado a reforçar a ideia da mulher enquanto objeto e manter a prática, bastante arraigada na nossa sociedade, da rivalidade feminina, isto é, o de que as relações entre elas (Lili e as outras mulheres) são naturalmente pautadas pela hostilidade e competitividade pela atenção ou amor de um homem.

Verifiquemos a imagem 02, inserida na unidade *Literatura e leitura de imagens*, no interior do capítulo *Humanismo*, e é usada para trabalhar interpretação de texto, em que se destaca, para este trabalho, a inscrição da mulher no espaço doméstico.

Imagem 02: Helga e o trabalho de casa



Fonte: SETTE, M. G. L.; SILVA, I. R.; TRAVALHA, M. A.; BARROS, M. R. S. *Português: trilhas e tramas*. 2. ed. v. 2. São Paulo: Leya, 2016.

Na tirinha, vemos Helga, Hagar e Honi, esposa, marido e filha, respectivamente. As duas figuras femininas mantêm um diálogo sobre o trabalho doméstico e, por serem as interlocutoras apresentadas, ocupam um suposto lugar de destaque na charge. No primeiro quadrinho, Honi, mostrando-se aflita, dirige-se à mãe e diz da possibilidade de algum dia inventarem algo capaz de eliminar as tarefas domésticas. Por sua vez, Helga, com uma expressão facial atordoada, responde que já inventaram. Em continuação, no segundo quadrinho, Helga afirma ser o divórcio a referida invenção. Sua fala, em consonância com o desenho do segundo quadrinho, indica que Hagar é a fonte de todo trabalho, pois, como pode ser visto, ele está fazendo muita sujeira no ambiente.

Parece-nos oportuno considerar que o texto tem traços de um certo alinhamento aos ideais de emancipação feminina, como o de questionar a organização tradicional do trabalho doméstico, considerada uma forma de controle intrinsecamente inserida no cotidiano e já historicamente naturalizada. Para

Foucault (1987), a naturalização ou familiarização de alguma prática social é uma estratégia fundamental para o jogo de poder, pois, quando adquire esse estatuto, ela não é facilmente percebida e passa a ser reproduzida sem qualquer exame. Diante desses mecanismos, consideramos que a inquietação da referida organização consiste em uma possibilidade de movência na configuração de relações de poder que colocam a mulher em posição de servidão ao homem. Mesmo porque, como afirma Foucault (2013), o poder reproduz-se a cada instante, pois sua emergência e funcionamento ocorrem nas relações entre sujeitos. Essa dinamicidade abre a possibilidade de reações e respostas diante de ações (im)postas.

Ao observarmos os chapéus dos personagens, símbolo da cultura *viking*, vemos que os do casal são iguais, indicando que a esposa ocupa posição análoga à do marido. No entanto, a ideia de igualdade de poder é desconstruída com os papéis representados pelos três personagens. Observe que apenas Helga cuida da limpeza enquanto o marido produz lixo e desordem, sem, aparentemente, preocupar-se com os efeitos de sua ação. Ademais, ao compararmos o modo como Honi e Helga são apresentadas, é possível inferir que a filha também não participe das tarefas, pois a primeira mantém os braços para trás enquanto a mãe segura uma vassoura. Sua vestimenta também não conta com o avental, um dos símbolos do trabalho doméstico, que a mãe notadamente está usando. É importante destacar que é Honi quem inicia a reflexão, no entanto, não contribui com a execução das atividades.

Helga demonstra-se brava e insatisfeita com a situação, mas resignada a cumprir os afazeres. Por sua vez, o marido, ao jogar restos de comida em qualquer lugar, aumentando ainda mais a sujeira por ele feita, mostra-se indiferente às consequências de sua ação e não se (de)move de sua postura. Isto é, ele suja a casa e Helga, mesmo insatisfeita, limpa. Ele suja o ambiente mesmo com a queixa de Helga. Ademais, é importante atentarmos para a situação de haver uma mulher que fala, mas não é ouvida, pois a fala da esposa é ignorada pelo marido e apresentada como se não tivesse força para promover qualquer mudança. Nesse sentido, a relação entre Helga, Hagar e Honi, construída nessas cenas, ilustra uma dinâmica de poder que mantém um lugar sócio-historicamente naturalizado para os sujeitos femininos e masculinos, o de serem as esposas as únicas responsáveis pelas atividades domésticas, além de construir possibilidades de silenciá-las em sua condição de diferença frente aos homens.

POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA PARA O CORPO FEMININO NO LDP

Para Foucault (2013, p. 242), nas relações de poder estão necessariamente imbricadas ações que se induzem e se respondem umas às outras, portanto, referem-se a “um modo de ação de alguns sobre outros”. Assim, essa concepção de poder diz de redes continuamente dinâmicas, efetivadas entre aqueles sobre o qual se exerce o poder e o sujeito de ação. Tem como característica a posse do poder não ser estanque a um único sujeito da relação, pelo contrário, seu trânsito acontece de modo permanente e constante. Diante dessa dinâmica, há a possibilidade de emergência de um campo de respostas, reações, efeitos e invenções. Nas palavras de FOUCAULT (2013, p. 243), o exercício do poder consiste em “um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável”. Pode dizer também que, nas práticas discursivas, o poder “coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. [O poder é] Uma ação sobre ações” (FOUCAULT, 2013, p. 243).

Compreende-se que, nesse sentido, o poder refere-se à ação de conduzir o sujeito a uma determinada conduta. Por compreendermos que esse poder oscila de um sujeito para o outro e, nas relações de poder, há a possibilidade de diversas condutas, reações e modos de comportamento a partir de uma determinada ação, entendemos que a análise das relações de gênero precisa considerar a complexidade

emergente em cada situação. Para Foucault, não há exercício de poder que não instaure práticas de resistência, nos dizeres de REVEL (2011, p.127), “a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder”. Efetivamente, a resistência é o que coloca em causa as objetivações que incidem sobre a constituição dos sujeitos. Pode-se dizer, com efeito, que a “resistência é a possibilidade de abrir espaços de lutas e de administrar possibilidades de transformação por toda parte” (REVEL, 2011, p. 127-128). Nesse sentido, pode-se dizer que o “corpo feminino foi educado para a sedução ou ser escondido [no lar] (pelo corpo masculino), e agora ele se torna um corpo que luta e resiste; sem dúvida, um corpo político²” (FIGUEIRA-BORGES, 2019, p. 144). Especificamente, nesses espaços de lutas como, por exemplo, o doméstico que vemos as mulheres que analisaremos a seguir reivindicando constituições identitárias outras para os seus corpos a partir da relação com os maridos.

Nesse sentido, podemos, a partir da imagem 03, lançar o olhar para algumas práticas de resistência do corpo feminino em contextos específicos de espaço doméstico. A tira está na seção *Língua e linguagem: funções da linguagem*, presente no capítulo *Literatura na Baixa Idade Média: o trovadorismo - variedades linguísticas - o poema*, e busca tratar do uso de onomatopéias, situação de comunicação e interpretação de texto.

Imagem 03: *Eulália, a campainha!*



Fonte: CEREJA, W. R., VIANNA, C. A. D., CODENHOTO, C. D. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. vol. 1. São Paulo: Saraiva, 2016.

Ao lermos a tira, chama-nos a atenção o nome da personagem feminina, pois é a junção do pronome “eu” com o elemento de formação pospositivo “-lália”, de origem grega, referente à ideia de fala, linguagem e pronúncia, o que se contrapõe ao fato de não haver nenhuma verbalização de Eulália no texto. Na primeira cena, é representada a situação a qual o personagem, a ler um livro, ouve o som da campainha, mantém-se em sua atividade e solicita que Eulália atendesse à porta. Ao ouvir novamente o som e perceber que a mulher não seguiu a solicitação, ele continua sentado com o livro nas mãos, dirige-se a Eulália gritando e demonstra expressão de nervosismos.

No quadrinho seguinte, aparece a personagem a qual foi deferida a ordem, uma mulher idosa que, após os gritos do homem, segue em direção ao local de onde é produzida a sirene. Ao passar ao lado do sujeito e ir em direção à campainha, observa-se que, além de ele ter ouvido o som, de Eulália não atender à porta e de ele estar mais próximo da campainha do que a mulher, ele julgou e agiu como se somente ela tivesse que realizar a ação. A charge não demonstra o que Eulália estava fazendo quando o sinal toca, mas

² Nossa tradução do original: “The female body was educated for seduction or to concealment (by the male body), and now it becomes a body that fights and resists; undoubtedly a political body” (FIGUEIRA-BORGES, 2019, p. 144).

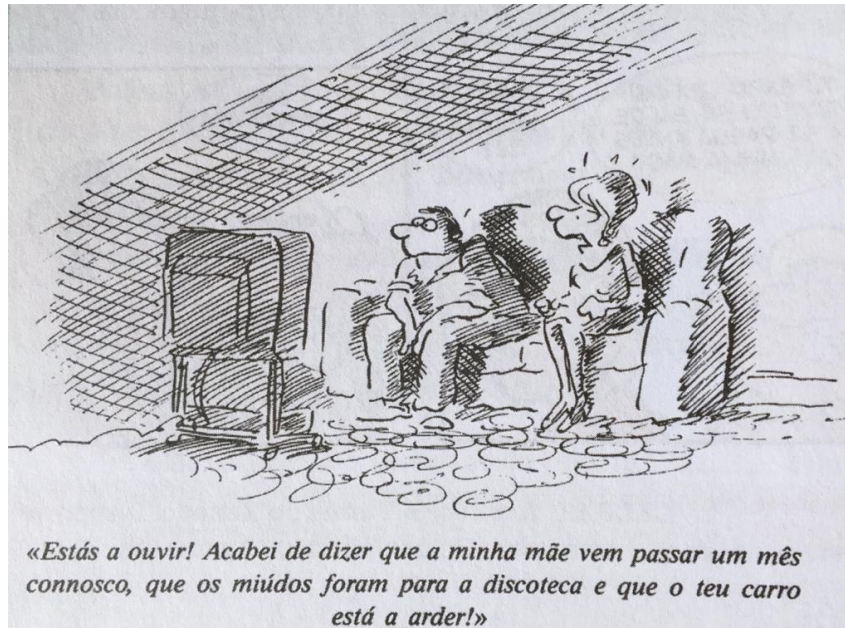
é mostrado que, independente do que fosse, ela deveria deixar de realizá-lo para cumprir uma função de caráter doméstico, diferente do senhor a ler o livro. Assim, vemos que a charge evidencia “hierarquias de gênero, mobilizando uma construção de superioridade para o homem cristalizada na história” (FIGUEIRA-BORGES; SANTOS, 2017, p. 196). O quarto e último quadrinho, onde Eulália arranca a campainha e leva para o marido, possibilita diferentes compreensões da situação comunicativa, mas em todas elas há um efeito discursivo que demonstra o exercício de papéis sociais determinados por padrões verificados na sociedade sexista, estabelecidos a partir das relações efetuadas na divisão sexual do trabalho, sendo as mulheres responsáveis pelo domínio das tarefas da casa. Nesse sentido, arrancar a campainha demarca uma desestruturação nas relações de força de modo a abrir um espaço para que a resistência seja exercida. Isto porque o poder, numa perspectiva foucaultiana (2013), não tem uma característica negativa, mas demarca uma positividade de relações possíveis a partir de frentes de resistência.

A maneira da mulher estabelecer uma prática de resistência à prática abusiva do homem, seja na fala ou nas expressões de nervosismo, também são marcas de comportamentos aprendidos para cada gênero. Esse aspecto relaciona-se a uma subversão ao que é ensinado às mulheres, ou seja, que elas sejam delicadas em seus gestos, modos de falar, obedientes e, sobretudo, que não exponham força física. Para Fernandes (2009), considerando as aceleradas mudanças sócio-políticas e econômicas da contemporaneidade, as gerações que vivenciam no século XXI a senilidade experimentaram relações de poder desiguais de um modo ainda mais acirrado e por maior espaço de tempo.

Entendemos não ser apenas a presença de um texto no LDP que garanta uma problematização de questões de gênero, é, sobretudo, o tratamento a ele dado, pois a não presença de produções que refletem relações de poder desiguais seria um modo de não as reconhecer e negligenciá-las (FOUCAULT, 1996). Assim, observamos que, sobre a tira, são propostos quatro exercícios relacionados a aspectos linguísticos e textuais. Já o quinto solicita que os alunos analisem quatro afirmativas sobre o texto, discutam e justifiquem suas respostas a partir de elementos do texto e fatos sociais contemporâneos. A quarta afirmativa trata de aspectos sobre as relações de gênero, como podemos ver: “A tira reproduz uma realidade machista da nossa sociedade, em que a mulher cumpre as tarefas domésticas, enquanto o homem cuida de seus interesses particulares” (CEREJA ET AL., 2016, p. 72). A verbalização dessa questão configura, a nosso ver, um traço de reconhecimento de relações assimétricas de gêneros vivenciadas entre homens e mulheres em uma sociedade machista. No entanto, o trabalho de descrição e análise discursivas relacionadas às questões de gênero ficam a cargo do professor e dos alunos, diferentemente do tratamento relacionado à compreensão linguística do texto que contou com vários exercícios, formulados de modo a abordar diferentes aspectos. Há que se destacar, ainda, que apesar do LDP destacar o machismo que estrutura a sociedade, ele não problematiza ações de resistência possíveis para os sujeitos. Temos que pensar um ensino-aprendizagem de língua portuguesa que não apenas destaque o machismo no funcionamento da língua, mas apresente também técnicas de enfrentamento cotidianas ao machismo que tem matado mulheres diariamente.

Observemos, agora, a imagem 04 que parece apresentar uma técnica de resistência ao exercício de poder masculino. O texto se encontra na unidade *Gramática*, dentro do capítulo *Noções e variações linguísticas*, sendo usado para trabalhar algumas diferenças entre o português usado em Portugal e o do Brasil.

Imagem 04: *O mundo louco do futebol*



Fonte: AMARAL, E.; PATROCÍNIO, M. F. do.; LEITE, R. S.; BARBOSA, S. A. M. *Novas Palavras*. 3. ed. v. 1. São Paulo: FTD, 2016.

Nesta charge, temos representados dois personagens, uma mulher e um homem, sentados, um ao lado do outro, em um sofá posicionado de frente a uma televisão. Ao lermos o título, *O mundo louco do futebol*, somos informados que uma partida de futebol é a programação assistida pelo sujeito do sexo masculino. O gesto da mulher com as mãos fechadas, postas nas pernas e as linhas desenhadas acima de sua cabeça sugerem um estado de tensão. Essa postura corporal e a boca entreaberta indicam ser ela a proferir o texto verbal apresentado. O homem, com o corpo totalmente direcionado à televisão, os olhos bem abertos e a boca completamente fechada, mostra-se bastante atento à programação e indiferente aos que é dito pela esposa.

Assim, convém levantar, *a priori*, a seguinte problematização: Por que a esposa trata de assuntos considerados delicados em um casamento (visita da sogra, filhos em festas, carro em chamas) no momento em que ele tem a sua atenção voltada para o jogo de futebol? Consideramos que, nas relações assimétricas de exercício de poder dentro do casamento, os sujeitos desenvolvem técnicas enunciativas para resistir e para instaurar determinados sentidos que afirmem/sustentem/materializem sua constituição sócio-histórica. Parece-nos que a prática da mulher de conversar com o marido sobre assuntos delicados durante a exibição de uma partida de futebol televisiva configura uma técnica de resistência a partir de um conhecimento de si e do outro (FOUCAULT, 2014). Numa perspectiva foucaultiana, é o “princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática” (FOUCAULT, 2014, p. 57). O contexto figurado na imagem 04 insere os sujeitos em uma complexa rede de exercícios de poder na qual cabe ao homem decidir se a sogra fica ou não na casa “dele”, se as crianças saem à noite e, ainda, o que poderá ocorrer com o fato de seu carro estar queimando. Assim, conversar com o homem em um momento em que ele tem a sua atenção em outra instância, demarca uma técnica para que a esposa subverta as relações de poder e tenha os seus desejos levados em consideração.

Não podemos deixar de observar que, no texto verbal, a primeira frase explícita a repetição de algo já dito e informa não ter havido uma resposta verbal do interlocutor, demonstrando, por um lado, seu grande interesse pelo que está a assistir e, por outro, a falta de atenção nos dizeres da mulher. A técnica do cuidado de si “constituiu, assim, uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, as trocas de comunicação” (FOUCAULT, 2014, p. 58). Ao lançar o olhar para a imagem 04, percebemos

que é nas relações interindividuais e nas trocas de comunicação que as práticas de resistência e o cuidado de si se efetivam.

A cena nos remete, também, à ideia de que, na nossa sociedade, o futebol é um esporte representado e desenvolvido para os homens e a grande maioria tem por ele verdadeiro fascínio. Concomitante a essa ideia, mulheres não teriam participação ou interesse por esses jogos. Consequentemente, ações sociais são dirigidas por essa concepção, sobretudo no que concerne ao desenvolvimento de habilidades do corpo, pois, desde crianças, meninas e meninos são expostos a desenvolverem práticas separadas por uma lógica sexista. Essas ações contribuem para construir/fornecer sistemas de orientação, de informações e de valores, de estabelecer e distribuir papéis, posições sociais e regras de condutas, por exemplo a de o futebol ocupar posições de prioridade no cotidiano dos homens, bem como a de que mulheres geralmente não se interessam por esse esporte.

Encaminhando as análises, consideramos relevante destacar ainda que, ao lermos os exercícios da Imagem 04, observamos um trabalho voltado para questões linguísticas, como as marcas que identificam o português de Portugal. Não notamos um tratamento discursivo para a compreensão da charge. Pensamos que essa charge seria uma oportunidade para tratar, além das questões linguísticas, de questões sociais, pois a escola é um espaço que (re)afirma as representações de identidades de gênero, seja em aulas de educação física, nas brincadeiras durante os intervalos de aulas ou no material didático. Assim, o espaço escolar poderia ser, também, um lugar de desconstrução de representações que causam danos aos sujeitos, como as de relações de poder assimétrica que exclui e diminui a importância das mulheres em relação aos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise dos dados constatamos que o *corpus* apresenta textos linguístico-visuais que permitem o levantamento de questionamentos sobre representações de gênero normalizadas sócio-historicamente para a mulher. Assim, é possível afirmar que, no ensino de língua portuguesa que conta com materiais didáticos analisados, há possibilidades de estabelecer práticas de leitura de enfrentamento à dominação masculina sobre o gênero feminino. Entretanto, para que isto ocorra é necessário uma tomada de posição do professor frente ao que é apresentado pelo livro didático, estimulando, na leitura dos alunos, problematizações outras a partir da potencialidade das charges analisadas para uma interpretação crítica no campo das questões de gênero e sexualidade.

Nas análises empreendidas, foram majoritárias as cenas em que se reproduzem papéis já naturalizados e alicerçados no modelo tradicional de relações de gênero em que a figura da mulher é subjugada. Além do mais, na maioria das ocorrências, não houve, nos exercícios do LDP, um trabalho discursivo acerca de questões sociais vivenciadas/enfrentadas pelas mulheres. É a partir do imbricamento de ambos aspectos que afirmamos que o *corpus* conserva traços de uma lógica social de caráter mais tradicional e naturalizado referente às relações de gênero que precisa ser problematizada pelos professores no contexto de ensino-aprendizagem de português.

Portanto, com esse estudo, mostramos que o trabalho com questões de gênero é relevante em contextos de ensino-aprendizagem, pois consideramos que a formação de alunos proficientes em uma língua (materna ou estrangeira) implica no emprego responsivo e responsável dela nas práticas linguageiras (Bakhtin, 2010). Com isso, destacamos a importância de o processo de ensino-aprendizado língua portuguesa construir possibilidades para se pensar/implementar práticas que desestabilizem as relações de poder assimétricas entre as mulheres e os homens na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; BARBOSA, Severino. *Novas Palavras*. 3. ed. v. 1. São Paulo: FTD, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- CEREJA, William; VIANNA, Carolina; CODENHOTO, Christiane. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. vol. 1. São Paulo: Saraiva, 2016.
- CEREJA, William; VIANNA, Carolina; CODENHOTO, Christiane. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2016.
- FERNANDES, Maria das Graças Melo. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. In: *Revista Brasileira de Enfermagem REBEn*, Brasília-DF, v. 62, n. 5, p. 705-710, 2009.
- FIGUEIRA-BORGES, Guilherme; SANTOS, João Bôsko Cabral dos. Construções de Masculinidade(s) e Ensino de Língua Portuguesa. In: FIGUEIRA-BORGES, Guilherme; SILVA, Marcia Aparecida. *Ensino de Línguas em Diferentes Contextos*. São Paulo: Pontes Editores, 2017, p. 185-206.
- FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Female body, discursive threads and the “slutwalk” movement. In: *Revista do GELNE*, v. 20, n. 2, p. 142-152, 7 fev. 2019.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- GRIGOLETTO, Marisa. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático. In: CORACINI, Maria José R. J. *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: *Pro-posições*, Campinas-SP, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.
- LUTERMAN, Luana Alves; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme; SOUZA, Agostinho Potenciano de. Análise discursiva da tridimensionalidade do livro pop-up. In: *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 39-54, maio/ago. 2018.
- MOITA LOPES, Luis Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MENDES, Lauriane Guimarães; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Construções do Corpo Negro em Livro Didático de Língua Portuguesa. In: *Revista Ícone*, São Luis de Montes Belos-GO, v. 17, Nº 2, 2017, p. 117-131.

REVEL, Judith. *Dicionário Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SETTE, Graça; TRAVALHA, Márcia; RIBEIRO, Ivone; STARLING, Rozário. *Português: trilhas e tramas*. 2. ed. v. 2. São Paulo: Leya, 2016.

SOUSA, Ramon Diego Viana; SANTOS, Sueli Paiva dos; OLIVEIRA, Bruno Machado Oliveira; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Livro didático de português e delimitação de identidade de gênero: possibilidades de análise. Dossiê Funcionamentos discursivos de livros didáticos e de materiais didáticos: possibilidades de análise e de trabalho. In: *Cadernos Discursivos*. Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 122-137, 2021.